

A watercolor illustration of bamboo branches with leaves, rendered in shades of brown and black on a light background. The branches are thin and woody, with several clusters of pointed, lanceolate leaves. The style is delicate and artistic, typical of traditional East Asian ink wash painting.

Viagens pelo
Oriente

Viagens pelo
Oriente

FICHA TÉCNICA

Autores:

Conto: A conquista

Ana Marques, João Fonseca e João Soares

Conto: À descoberta de um sonho

Diana Ferreira, João Ferreira, João Francisco e
Leonardo Carreira

Conto: À descoberta do Oriente

Ana Catarina, Beatriz Couto, Jardel Valente e Samuel
Menino

Ilustradores:

Alexandra Brito, João Costa, Paulo Tavares, Rodrigo
Pena e Vasyl Borshchovetsky

A Conquista



Numa terra muito distante, um rapaz com apenas treze anos, estava prestes a tornar-se imperador da China. Ele era alto, determinado e culto.

Com o passar dos anos, foi iniciando variadas reformas, como a muralha da China. Dividiu o império em trinta e seis províncias, governada cada uma por três governantes.

Contudo, era um homem com ideias fixas e muito rígido, pois quem não estivesse de acordo com ele, era imediatamente decapitado.

O tempo foi passando e com ele apareceu um rapaz de dezasseis anos, chamava-se Tropa Lel. Era destemido, alto, tinha cabelo louro e usava sempre um chapéu.

Ele não estava de acordo com os métodos do imperador. Como tal, decidiu entrar em confronto com ele, colocando em causa a política da China.

Começou por dar a conhecer às pessoas a sua música, pelas cidades onde passava.

Em Hong Kong, tinha um amigo chamado Ington, que era dono de um Café Inglês, onde o jovem passava grande parte do seu tempo, quando não

武



力

生

支

andava a viajar de terra em terra. Quando chegou da sua última paragem, foi cumprimentar o amigo ao seu estabelecimento. - Hello, my friend, how was your trip? - cumprimentou o seu amigo Ing.

- Hello, Ing, I feel that I gave my opinion about politics with my music.

- I hope to clear the minds of people towards this matter. - disse Tropa Lel.

- I hope you achieved this goal, my friend, come back later, because now I'm occupied.

- Okay, I'll see you later.

A música já corria todas as cidades da China e muitas pessoas começaram a apoiá-lo e a dar-lhe razão. Muitas delas começaram a organizar manifestações contra o imperador.

Decidiram pôr-se aos portões da Cidade Proibida e manifestar-se contra o imperador, fazendo com que os portões do palácio abrissem para o poder expulsar.

Tiveram de lutar contra os guardas imperiais,

o que não foi fácil.

Mas depois, o jovem conseguiu entrar no palácio, com mais dois amigos, intimidando o imperador. Este viu que não tinha hipótese e, percebendo que todo o seu país estava contra si, decidiu partir.

A partir desse dia, a China passou a ser um país liberal.

Tropa Lel, como jovem culto que era, dedicou-se a inúmeras temáticas, todas ela em prol do desenvolvimento do seu país, uma das quais consistia no aumento, quer em quantidade quer em qualidade, da produção agrícola. Pesquisou exaustivamente o tema e dedicou-se a ele, incentivando e ajudando materialmente os seus conterrâneos a desenvolver e melhorar certas culturas de produtos alimentares, nomeadamente hortofrutícolas, tendo obtido um enorme sucesso.

Para comemorar a liberdade, o Tropa Lel e os seus amigos decidiram fazer um almoço de comemoração, usando, orgulhosamente, alguns

desses produtos alimentares. Fizeram um yakisoba cuja receita era:

- 500 g. de massa;
- 1/2 kg Couve flor media ;
- 1/2 kg Brócolos japônês ;
- 1 Cebola grande;
- 1 Pimentão verde;
- 1 Pimentão vermelho;
- 1 Pimentão amarelo;
- 1 bandeja de cogumelo paris;
- 1/2 kg Filete alcatra;
- 1/2 Kg Peito de frango;
- Uma bandeja de cogumelos (shimeji);
- Molho pronto para Yakisoba;
- Óleo de soja e degergelim;

紳

道



Depois do almoço, o Tropa Lel, conversou com os amigos e decidiram abrir uma escola de *Muay thai*, visto que três deles, incluindo o Tropa Lel, acharam por bem ensinar e dar a conhecer essa arte às pessoas.

Começaram então por ensinar o *low kick* para derrubar o adversário com o seguinte movimento: agarrando-o pelos ombros e *rast*, fazia o inimigo perder o equilíbrio e cair.

Ensinarão, de seguida, uma das regras obrigatórias desta arte que é respeitar o seu adversário, apesar de se gostar do mesmo ou não.

Contentes por terem contribuído para o bem do país, regressaram à sua terra onde contaram as suas aventuras.

À Descoberta de um Sonho



Um dia, quatro amigos deslocaram-se à biblioteca da sua cidade, Lisboa, para realizarem um trabalho de História e Geografia.

Apesar de serem amigos, eram muito diferentes. Badjula era o mais preguiçoso do grupo, pois só pensava em dormir e não em estudar para os testes. Lorena, com muita atenção, memorizava cada letra da matéria e dava grandes ajudas ao Talamasca que era o mais inteligente e trabalhador do grupo. Andreo não se preocupava minimamente com os trabalhos, apenas fingia importar-se. A “onda” dele era mais jogos de computador e consolas.

Já tinham terminado o trabalho, quando avistaram uma página de um livro caída no chão. Atraídos pelo título, “A espada de Samurai”, começaram a lê-lo.

Aquelas páginas, amarelecidas e gastas pelo tempo, contavam a história de uma espada desaparecida na Ilha de Senkaku.

Andreo, mais entendido em computadores, decidiu ir pesquisar à Internet algo mais sobre a ilha desabitada de Senkaku. Percebeu que, naquela ilha, havia algo misterioso. Chamou ansiosamente os

seus amigos para observarem o que tinha descoberto sobre aquela ilha:

- O que foi, o que foi?- perguntou o Badjula.

- Descobri um facto interessante sobre a ilha de Senkaku. – declarou Andreo.

Ansiosos pela sua descoberta, começaram a sua aventura com destino à Ilha de Senkaku. Já a meio da viagem, surgiu um problema mecânico no helicóptero que os transportava e tiveram de aterrar de emergência. Como já estavam a chegar ao destino, aterraram na ilha de Senkaku, onde os quatro amigos foram em busca dos materiais necessários para o restauro do helicóptero.

Ao fim de algum tempo de procura, sentiram-se observados por um velho com um rosto rancoroso. Era alto e muito magrinho, pois viam-se as suas costelas. As suas costas cheias de marcas mostravam o seu sofrimento.

Os quatro amigos, ao início, temeram aquele velho , pois nunca tinham visto uma pessoa assim. O Talamasca foi o que mais receou aquele homem e até pensou mesmo em usar o seu melhor golpe de

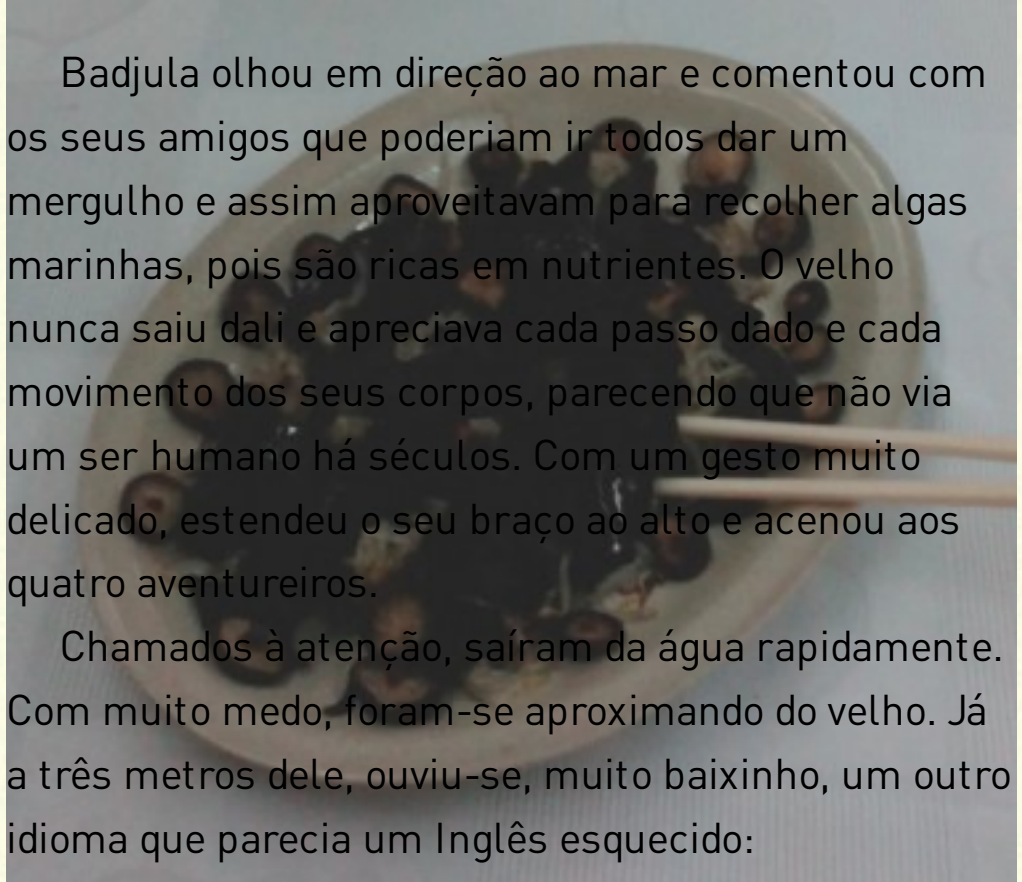
Muay Thai , "A cobra", que consistia em imitar o movimento da cobra Naja, símbolo desta arte marcial, com o objetivo de acertar com um soco direto na cara, mas acalmou-se. Contudo, esse sentimento rapidamente desapareceu. Agora sentiam-se atormentados com a fraqueza daquele homem.

Resolveram, entre si, dar-lhe alguma coisa que o alimentasse.

O Badjula, muito entendido em iguarias e em agricultura, pois descendia de uma família proprietária de um pequeno minifúndio, onde predominavam os hortofrutícolas, resolveu fazer um pequeno petisco com o que a natureza lhe dera. Recordou-se de uma receita que lera há muito tempo. Era a salada de *Kombu* :

- Hidrate 50 g de kombu desidratada em 1 litro de água fria. Reserve por 1 hora. Escorra.
- Corte em tiras de 2,50 milímetros. Reserve.
- Aqueça um fio de óleo. Refogue a alga por 1 min. Escorra. Reserve.

- Aqueça 1 fio de óleo e refogue 500 g de brotos de feijão por 2 min. Escorra. Reserve.
- Aqueça 1 fio de óleo. Refogue 200 g de cogumelos shimeji por 1 min. Escorra. Cubra com filme plástico. Reserve.
- Decore o prato com 10 talos de agrião com as folhas.
- Incorpore o broto de feijão, o cogumelo shimeji, 2 rabanetes picados em rodelas. Junte as tiras de kombu.
- Tempere com sal, vinagre e azeite a gosto.



Badjula olhou em direção ao mar e comentou com os seus amigos que poderiam ir todos dar um mergulho e assim aproveitavam para recolher algas marinhas, pois são ricas em nutrientes. O velho nunca saiu dali e apreciava cada passo dado e cada movimento dos seus corpos, parecendo que não via um ser humano há séculos. Com um gesto muito delicado, estendeu o seu braço ao alto e acenou aos quatro aventureiros.

Chamados à atenção, saíram da água rapidamente. Com muito medo, foram-se aproximando do velho. Já a três metros dele, ouviu-se, muito baixinho, um outro idioma que parecia um Inglês esquecido:

- Don't be afraid! I'm friendly! Talamasca olhou em redor dos seus amigos e disse:

- Está a falar em inglês, alguém percebe?

O velho assim que ouviu falar em português ficou emocionado, soltou uma gargalhada muito baixinha e fraca e disse:

- Pensava que eram estrangeiros!

De repente, fez-se um grande silêncio e, olhando uns para os outros, convidaram aquele pobre homem a juntar-se ao grupo. Já todos juntos e com a barriga a dar horas, o Badjula preparou uma salada de *Kombu*, proveniente das culturas dos seus pais. Sem falarem e quase sem respirarem, comeram e recostaram-se à volta da fogueira que Andreo fizera. Já de barriga cheia, resolveram saber mais algumas informações daquele homem, perguntando-lhe o seu nome, o porquê e o como de estar ali.

O velho, muito resumidamente, respondeu:

- Chamo-me Miguel e era piloto em tempos de guerra. Quando sobrevoava esta ilha, fui atingido por uma tempestade tropical caindo aqui. Fiquei esquecido até hoje. E vocês, o que fazem nestas bandas? Esta ilha não é sítio para quatro jovens andarem por aqui.

Os quatro jovens responderam em conjunto:

- Temos um objetivo. Queremos encontrar a espada perdida.

Miguel, ao ouvir falar numa espada, exclamou:

- O quê!? A espada de Samurai Fujitsu?

Andreo sorriu e disse:

- Sim, é mesmo essa! Sabes onde podemos encontrá-la?

Miguel sorriu e explicou:

- Sabes, estou preso nesta ilha há cerca de dois anos e já muitos objetos foram arrastados pelas ondas até mim, mas o objeto mais valioso até hoje aqui encontrado foi uma lâmina muito afiada e reluzente.

Nela estavam escritas umas insígnias. Não consigo decifrá-las, mas posso dar-vos e podem tentar descobrir o que querem dizer, mas com uma condição: têm de me tirar daqui!

Os quatro jovens aventureiros não hesitaram em dizer que sim, porém havia um pequeno problema que se tornava enorme: O helicóptero não estava em condições de voar.

De seguida, Miguel entrou pela vegetação da ilha como se fosse a sua casa, conhecendo assim todos os cantos. Não demorou mais de dois minutos até chegar com a espada ao pé dos jovens.

Lorena era a mais tímida do grupo, mas foi a primeira a tomar conhecimento do que estava escrito na lâmina. Devido aos seus conhecimentos culturais e linguísticos, não demorou mais de cinco minutos a decifrar aquele código. Os amigos, muito curiosos, perguntaram-lhe de imediato o que estava ali escrito. Lorena sugeriu:

- Vamos pedir um desejo, em conjunto, mas pensem bem, pois não temos muitas oportunidades de sairmos daqui...

Conversaram durante algum tempo e chegaram a um consenso. Desejaram que aquela história não passasse de um sonho e que voltasse tudo ao normal. Queriam estar em casa no calor do ambiente familiar e assim foi. Foi tão fácil como estalar os dedos, pois aquela espada tinha um poder imenso. Assim os quatro jovens e o velho Miguel acordaram de um sonho profundo e viveram as suas vidas normalmente.

À Descoberta do Oriente



Quando a nossa amiga Ana fez os seus dezoito anos, oferecemos-lhe uma viagem à sua escolha.

Imediatamente, a Ana respondeu que queria ir fazer uma viagem pelo Oriente.

Escolhidos os países, Turquia, Síria, Líbano e Israel, começámos a fazer as malas e o Jardel foi comprar os bilhetes.

Já íamos no avião quando ouvimos a assistente de bordo a dizer que tínhamos de parar em Israel o que nos obrigou a mudar todos os planos.

Atrapalhados, sem saber onde ir e com dificuldades em avisar a tia da Ana que se encontrava na Turquia, fomos a uma loja, para comprar um mapa da cidade para encontrar um lugar onde dormir. Estávamos a vê-lo, mas não nos valeu de nada, porque só nos indicava os nomes das ruas.

Então, a Beatriz, como era a única que sabia falar inglês, foi perguntando a várias pessoas se sabiam de algum hotel ou pensão ali perto.

De tanto perguntar, apareceu um senhor simpático, que, ao ver-nos tão embaraçados, conduziu-nos até a um hotel de 5 estrelas.

No dia seguinte, fomos visitar a cidade que era bastante bonita, pequena e acolhedora. Eu consegui encontrar uma cabine telefónica e avisámos a tia da Ana que se encontrava muito preocupada.

Mais descansados, fomos explorar monumentos, a Torre de David e o Monte das Oliveiras de que tanto ouvíamos falar.

Foi no Monte das Oliveiras que eu, numa rua estreita, vi um pobre mendigo que desesperado estendia a mão num pedido mudo de ajuda.

Eu, com muita pena por o ver com roupas velhas e sapatos rotos, tirei o meu casaco e os meus ténis e dei-lhos, assim como algum dinheiro. Agradecido e comovido, ofereceu-se para nosso guia. Nessa noite, convidá-mo-lo para pernoitar no hotel e ficámos com um amigo para toda a viagem.

Chegando ao terceiro dia da nossa viagem, pudemos usufruir de um excelente pequeno almoço, que consistia num iogurte natural turco e num *simit*, uma rosca polvilhada com sementes de sésamo. Enquanto nos deliciávamos com essa refeição, aproveitámos para ter uma conversa com ele:

- Hello, what's your name? - perguntou a Beatriz.
- Escusam de falar inglês, eu sou português. Chamo-me Alfredo.
- Eu sou o Jardel, elas são a Ana e a Beatriz e ele é o Samuel.
- Gostaríamos de o convidar para o resto das nossas viagens em que uma delas é já amanhã.
- Se não incomodar, irei com muito gosto!

Na última noite, fomos dar um passeio por um jardim como despedida e o Alfredo aproveitou para nos mostrar um café famoso na zona. Como íamos viajar muito cedo, não podíamos ir muito tarde para o hotel.

Então, por volta das vinte e três horas e trinta minutos, já estávamos a dormir.

Acordámos às cinco da manhã para apanhar o táxi para o aeroporto. O Alfredo tinha acordado uma hora mais cedo e aproveitou para arrumar a bagagem e pôr as nossas malas à porta do hotel. Fizemos o *check-out* e, enquanto esperávamos pela hora do avião, decidimos ir comer alguma coisa.

Com a alteração dos planos, seguimos para Líbano (Beirute), com o nosso amigo guia Alfredo. À chegada, perguntámos ao nosso guia se conhecia alguma pensão ali perto. O Alfredo disse que conhecia uma cujo dono falava inglês, mas, como a Beatriz sabia falar muitas línguas, não havia qualquer problema.

Seguimos o nosso guia e, enquanto fomos entrando para os quartos, a Beatriz e o Alfredo ficaram a falar com o empregado da pensão. O Jardel, muito trapalhão, deixou cair uma mala cheia de roupa pelas escadas que iam dar à sala de estar onde se encontrava o dono da pensão. Ele foi a correr para ir apanhar tudo e pedir desculpa mas quando ia para começar a falar lembrou-se que a Beatriz era a única que falava inglês.

Nós fomos todos para os quartos e passado algum tempo a nossa amiga veio avisar-nos de que a estadia era grátis.

Ao jantar, o nosso guia levou-nos a um restaurante bastante conhecido e barato.

Assim que entrámos, veio logo um empregado muito simpático que nos indicou uma mesa para seis pessoas. Trouxe-nos o menu e optámos por um prato tradicional libanês: *baba ganoush*.

Como gostámos da iguaria, pedimos a receita que escrevemos no nosso bloco de apontamentos.

Ingredientes:

2 unidades de beringela

1 dente de alho

Sumo de meio limão

2 colheres de sopa de tahine (pasta de gengibre)

2 colheres de sopa de azeite de oliva Pimenta do reino
sal a gosto

Preparação:

Assar bem a beringela, deixar arrefecer e retirar as cascas. Retirar as sementes, bater no liquidificador os outros ingredientes. A textura ideal

consegue-se com azeite durante a preparação.

Utilizar pouco limão para não comprometer o sabor.

Pode substituir-se o limão pela laranja.

Servir frio numa taça, regado com azeite.



A Beatriz, já com grandes saudades dos pais, tentou ligar-lhes, mas ninguém atendeu. No meio do jantar, aparece o dono da pensão e convidámo-lo para se sentar e jantar connosco.

- Hello, what are you doing?
- perguntou a Beatriz - I'm having dinner.
- respondeu o dono da pensão

- If you want com sit with us, we will pay your dinner - continuou a Beatriz.

- I accept, thank you very much.

Durante o jantar, aproveitámos para nos conhecermos melhor e para agradecer a estadia gratuita. Foi então que ele explicou o porquê de o ter feito: ele conhecia os pais da nossa amiga Beatriz.

Ficámos todos de boca aberta e ela quis saber como os tinha conhecido.

O dono da pensão prometeu contar-nos a história. Quando veio a sobremesa, comemos tudo num instante para ele começar a contar.

Antes da conversa, a Beatriz ligou novamente aos pais. O pai atendeu e ela contou-lhe que tinha conhecido um amigo deles.

- Amigo? Que amigo? De onde? – perguntou o pai intrigado.

- O dono de uma pensão, aqui no Líbano, diz que te conhece e por isso ofereceu-nos a estadia.

- Pergunta ao senhor se ele cá em Portugal trabalhava numa fábrica perto da nossa casa.

- Sim, pai, é esse senhor. Ele diz que tinhas a alcunha de sabichão.

- Já me estou a recordar desse senhor, saiu de Portugal no ano em que a fábrica fechou. Mas, já estão no Líbano?

- Sim, estamos a fazer a viagem ao contrário, porque o avião parou primeiro em Israel e nós aproveitámos para ficar lá.

- Então, tenham cuidado e façam um resto de boa viagem. Beijo, filha, adoro-te.

- Beijo, também te adoro.

Nos dois dias seguintes fomos conhecer a cidade, visitámos a Gruta de Jeita, Vale do Kadisha, Gibran Museum, Grand Serail, Beirut Art Center e Byblos Castle.

Foi tudo muito lindo e, com ajuda do nosso guia, acabámos por ver mais monumentos. Chegando ao último dia, despedimo-nos do dono da pensão e mais uma vez agradecemos por aqueles quatro dias maravilhosos.

Tivemos de preparar tudo à própria da hora porque já estávamos um pouco atrasados para

apanhar o avião que se dirigia à Síria, onde era a nossa próxima visita.

No avião, ficámos todos juntos o que nos agradou bastante, apesar de termos ao nosso lado uma senhora que ressonava muito alto. Tão alto que ninguém conseguia descansar. Entretanto, veio a assistente de bordo com o carrinho da comida, tinha tudo bom aspeto.

Ao fim de mais uma viagem, finalmente chegámos à Síria, com uma paisagem muito humanizada. O Jardel, com o nosso guia Alfredo, foram tentar encontrar um Hotel de Luxo porque com tantos atentados na outra parte do país nós queríamos ficar bem alojados.

Como fizemos nas outras cidades, fomos mais uma vez visitar alguns monumentos: Azm Palace ,Maktab Anbar e Mount Qasioun. O que mais gostámos de ver foi o Azm Palace porque tinha sido um palácio enorme e lindo, agora convertido em museu.

À vinda para o hotel, eu percebi que tinha deixado a câmara fotográfica no Palácio e quis voltar para

trás,

mas, como já era muito tarde, os amigos disseram que não íamos voltar. Mas como sou teimoso, comecei a correr e acabei por me perder numa multidão que estava na esquina.

Os meus amigos ficaram preocupados e não sabiam o que fazer. O nosso guia foi dar uma volta para ver se me encontrava, mas já tinha passado uma hora e não havia sinal de mim. Por volta das quatro da manhã, o Jardel entrou no quarto e viu que eu já estava deitado e que tinha o lábio reventado.

Mais tarde, o Jardel acordou-me e obrigou-me a contar o que tinha acontecido.

- Então, foi assim... quando fui a correr para ir buscar a máquina fotográfica, no meio da multidão, levei um murro e depois acordei numa casa de uma senhora com muitos gatos.

- E depois?

- Ela perguntou-me de onde eu era e eu disse que estava cá a passar uns dias e que estava instalado no hotel de luxo. Quando estava a falar com a senhora, ouvimos um estrondo enorme e... só acordei neste quarto.

quero mais estar aqui, amanhã vamos para Turquia, vou imediatamente falar com elas e com o Alfredo.

O Alfredo ensinou-nos Muay Thai, para nos podermos defender. Ensinou-nos alguns golpes e movimentos (cobra, gancho, frontal, rotativo) e o Alfredo teve de aplicar um desses golpes a um indivíduo que nos apontou uma arma, querendo roubar-nos a máquina fotográfica e o nosso dinheiro. Assim, aplicou o "gancho" que é um soco dado de baixo para cima que atinge o queixo do ladrão derrubando-o.

Chegando ao dia seguinte, fomos para o aeroporto de manhã muito cedo, apesar das raparigas estarem bastantes aborrecidas, porque não sabiam o que tinha acontecido. Com o objetivo de chegar à Turquia, liguei à minha tia a dizer que estávamos no avião, preparados para ir ter com ela.

Quando aterrámos, fomos dar uma vista de olhos pela capital enquanto íamos a caminho de casa dela. Já estávamos a caminhar há duas horas, quando

encontrámos um táxi que nos levou até Ancara, onde se situava a sua casa.

Cheia de saudades, abracei-a e apresentei-a aos meus amigos.

De seguida, fomos comer, pois já estávamos há muitas horas sem o fazer.

- Conta lá como foram essas viagens. – pediu a minha tia.

- Então, primeiro tivemos que cancelar todos os planos porque o avião teve de fazer uma aterragem forçada. Em Israel, tivemos a ajuda deste senhor que está aqui ao nosso lado. É o senhor Alfredo, o nosso guia. No Líbano, a Beatriz conheceu um amigo do seu pai que é o dono da pensão onde ficámos instalados. Na Síria, o Samuel perdeu-se e tivemos que nos vir embora, também sem sabermos o porquê.

- Tiveram umas viagens bastante agitadas, mas o que interessa é terem gostado.

- Gostámos muito, conhecemos coisas novas e reparámos que as suas tradições são diferentes das nossas. Mas há um problema...

- Então!? O que se passa?

- Como não permanecemos na Síria o tempo que pensávamos ficar, vamos ter de ficar aqui mais uns dias.

- Não há problema, a minha casa é a vossa casa.

Ficámos na Turquia uma semana, foi a melhor parte da viagem!

Como ficámos lá algum tempo, a minha tia aproveitou para nos mostrar as partes mais bonitas da cidade: Santa Sofia, Cisterna da Basílica, Pamukkale, Corno de Ouro, Ponte da Gálata e a Torre de Leandro.

Depois de tanta emoção, conhecimentos e ação, regressamos a Portugal e assim eu tive a melhor prenda de aniversário da minha vida, com os meus amigos.